



ÉRICA PEÇANHA DO NASCIMENTO

**“É imprescindível que a produção
dos escritores da periferia seja reconhecida
como literatura”**

Érica Peçanha do Nascimento é antropóloga e tem se dedicado a pesquisar a produção cultural das periferias. Doutoranda da USP e professora de uma rede de cursinho pré-vestibular para alunos de baixa renda, é autora de *Vozes marginais na literatura* (2009), que toma como mote a atribuição do adjetivo “marginal”, por parte de alguns escritores da periferia, para caracterizar a si ou aos seus produtos literários no limiar do século XXI.

Publicado na Coleção Tramas Urbanas, da Editora Aeroplano, o livro é uma versão ampliada e revista de uma pesquisa de mestrado que tem o mérito de ser o primeiro registro acadêmico da importante cena literária que se estabeleceu nas periferias paulistanas. No centro da análise encontram-se as trajetórias, obras e atuações culturais de Ferréz, Sérgio Vaz e Sacolinha (Ademiro Alves), autores que participaram das edições especiais *Caros Amigos/Literatura Marginal: a cultura da periferia*.

Na entrevista abaixo, concedida por email à doutoranda em Letras **Ingrid Hapke** (Universidade de Hamburgo, Alemanha), a antropóloga fala dessa literatura situada à margem do cânone, sintetizando seu histórico de emergência e analisando suas relações com o meio literário e o mercado editorial.

De onde vem seu interesse específico pela temática da “literatura marginal”? Quais foram os objetivos de sua pesquisa?

Desde a época da minha graduação em Sociologia e Política tenho acompanhando como pesquisadora os movimentos culturais da periferia paulistana. Por conta disso, em 2003 estive em um evento sobre hip hop que também discutia a literatura periférica. Foi assim que descobri as edições especiais *Caros Amigos/Literatura Marginal: a cultura da periferia* e passei a me dedicar ao tema. Durante meu mestrado, realizado entre 2004 e 2006 no Departamento de Antropologia da USP, tomei como objeto de estudo os escritores que publicaram nas três edições especiais *Caros Amigos/Literatura Marginal* e procurei compreender a que se refere a apropriação recente da expressão “literatura marginal” por escritores da periferia, assim como investigar de que maneira essa apropriação se traduz em produtos literários e atuações culturais específicas. Creio que estudar a produção cultural da periferia é uma maneira de satisfazer um desejo pessoal de abordar, acadêmica-mente, assuntos que também têm relevância política.

*Quais as principais reflexões desenvolvidas em *Vozes marginais na literatura*?*

O livro é uma versão revisada de minha dissertação de mestrado e aborda o surgimento do movimento de literatura marginal protagonizado por escritores da periferia. O ponto de partida são as revistas *Caros Amigos/Literatura Marginal*, que entre os anos de 2002 e 2004 venderam cerca de 15 mil exemplares e permitiram a circulação de 48 autores e 80 textos, entre crônicas, contos, poemas e letras de rap. Essas publicações são o mote para a discussão dos

usos e significados da expressão “literatura marginal” no cenário contemporâneo, bem como para os contrastes entre a geração de poetas marginais dos anos setenta e a nova geração de escritores marginais, composta por autores da periferia. Além disso, são apresentadas reflexões sobre as singularidades dessas revistas e os conteúdos das entrevistas com alguns escritores que delas participaram, visando traçar o perfil dos autores e as especificidades dos textos produzidos, assim como das conexões extraliterárias que potencializaram o alcance dessa produção.

Trata-se de um trabalho antropológico que ressalta o ponto de vista e a vivência dos próprios escritores e, embora aborde as principais características dessa produção literária, privilegia suas trajetórias e atuações. Escolhi enfatizar um poeta com carreira anterior à propagação do termo “marginal” para caracterizar a literatura periférica (Sérgio Vaz), de um escritor responsável pela ressignificação desse termo no cenário contemporâneo (Ferréz) e de um autor que tem sua estreia como profissional numa das edições *Caros Amigos/Literatura Marginal* (Sacolinha). A seleção desses autores também me permitiu refletir sobre a movimentação cultural em torno das ideias de literatura marginal e cultura da periferia que se seguiu ao lançamento das edições especiais da *Caros Amigos*, tendo em vista que eles são idealizadores de projetos de incentivo à produção e ao consumo cultural na periferia de São Paulo: a Cooperifa, o 1DaSul e o Literatura no Brasil. O livro apresenta o histórico de criação e as dinâmicas desses projetos, com o intuito de mostrar como eles foram importantes para a construção da imagem de seus idealizadores e deram continuidade ao trabalho de divulgação da produção literária periférica iniciado pelas *Caros Amigos/Literatura Marginal*, tendo se tornado instâncias de legitimação e circulação dos produtos dos escritores da periferia.

O livro conta ainda com registros fotográficos dos escritores investigados, um prefácio assinado pelo Ferréz e um posfácio de autoria de Heitor Frúgoli Jr., professor do Departamento de Antropologia da USP.

Como é que você estabeleceu contato com os escritores da periferia e como eles receberam sua atenção como pesquisadora acadêmica?

O movimento de literatura marginal-periférica é bastante recente no país e o interesse da academia, embora tenha crescido nos últimos anos, ainda é tímido. Evidentemente, isso se reflete no modo como os pesquisadores são recebidos pelos escritores, já que muitos deles desconhecem as características e o papel de um trabalho acadêmico.

Até pelo cunho antropológico de minha pesquisa, os meandros da relação que estabeleci com os escritores contribuíram para a construção de minha análise e estão descritos em meu livro. Como meu trabalho foi pioneiro no tema, fui recebida com muita desconfiança e resistência pela maior parte dos autores que pretendia investigar, especialmente por Ferréz, Sérgio Vaz e os rappers. Minha estratégia para me aproximar deles e viabilizar meu trabalho foi intensificar as atividades de campo, assim como acompanhar seus blogs e textos literários, tendo em vista que seus escritos e suas participações em eventos culturais são públicos. Ao final do mestrado, procurei os doze escritores que consegui entrevistar para entregar uma cópia da dissertação finalizada. Ferréz foi o único que leu o texto prontamente e me procurou para fazer suas críticas. Para minha surpresa, ele gostou do trabalho e me incentivou a publicá-lo, colocando-se à disposição para intermediar contatos com editoras e participar de outras maneiras do livro – por isso o prefácio é de sua autoria.

O que se esconde por trás dos conceitos de “literatura marginal” e “literatura periférica”?

Entendo que a junção dos termos “literatura” e “marginal” produziu uma expressão polissêmica e, portanto, falha como categoria explicativa se não estiver contextualizada. Isso porque a expressão literatura marginal serve para classificar as obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial; que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos; que são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados; ou ainda que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como marginais. Desde o final dos anos noventa, alguns escritores brasileiros passaram a atribuir a si e aos seus produtos literários o adjetivo “marginal”, tanto por conta do contexto social a que estão ligados – favelas, periferias e presídios – quanto pelo tipo de literatura que estão produzindo, que busca expressar o que é peculiar aos sujeitos marginalizados, como negros, pobres, presidiários etc.

Mais recentemente, alguns escritores oriundos das periferias começaram a utilizar a designação “literatura periférica” para classificar sua produção e a de outros escritores com semelhante perfil sociológico, a fim de evitar o sentido do termo “marginal” que reporta aos indivíduos em condição de marginalidade em relação à lei. Entretanto, para diversos escritores e estudiosos, as expressões “literatura marginal” e “literatura periférica” podem ser vistas como sinônimos no cenário contemporâneo.

Poucas obras dos escritores periféricos são publicadas pelas editoras grandes. Como os autores conseguem viabilizar a publicação e circulação de seus produtos literários?

Aos poucos, a literatura produzida por escritores periféricos vem ganhando espaço no mercado editorial. O primeiro espaço importante de divulgação foi, sem dúvida, a *Caros Amigos/Literatura Marginal*, que desencadeou o lançamento de mais de uma dezena de livros, incluindo a coletânea *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*, publicada em 2005 pela Ediouro. Recentemente, a Global publicou a Coleção Literatura Periférica, da qual fazem parte obras lançadas anteriormente de forma independente, de autoria dos também ativistas culturais Sérgio Vaz, Alessandro Buzo, Dinha, Allan da Rosa e Sacolinha.

Apesar disso, a maior parte dos escritores periféricos continua publicando de modo independente ou por pequenas editoras que cobram pela tiragem dos livros, exigindo que os autores disponham de recursos próprios ou de financiamento de pequenos comerciantes, familiares ou ONGs para viabilizar suas publicações. Nesses casos, a circulação dos textos ocorre principalmente nos bairros de periferia, até porque os próprios autores ficam encarregados de vendê-los.

O curioso é que o acesso restrito ao universo das grandes editoras estimulou experiências inovadoras protagonizadas pelos próprios escritores, ao mesmo tempo que demandou respostas do poder público por meio de editais específicos voltados para os artistas da periferia. A Edições Toró é um belo exemplo: idealizado por Allan da Rosa, esse selo lançou, de 2005 a 2009, dezesseis livros exclusivamente de autores que moram e atuam nas periferias. Com tiragem média de 600 exemplares por título, a Toró alcançou até meados de 2009 pouco mais de sete mil livros vendidos, que custaram ao leitor de R\$ 10,00 a R\$ 15,00. Boa parte desse acervo foi custeada com verba pública advinda do VAI (Programa para a Valorização das Iniciativas Culturais da Prefeitura de São Paulo), que patrocina atividades e produtos artístico-culturais de

moradores das periferias, preferencialmente os jovens. Em 2009, Ferréz anunciou outra iniciativa para potencializar essa produção: o Selo Povo, destinado à publicação de autores tidos como marginais ou periféricos em edições de bolso, a serem vendidas por R\$ 5,00. A distribuição dos títulos desse selo também visa privilegiar espaços informais de circulação cultural nas periferias.

Uma crítica feita frequentemente à literatura marginal ou periférica é que não tem valor estético e que sua importância se limita à contextualização na realidade social. Concorda com essa afirmação?

Com relação aos escritores da periferia de São Paulo que investiguei, há, sim, um programa de ação estética ou um projeto literário, que consiste em retratar o que é peculiar aos sujeitos e aos espaços marginais (temas, práticas sociais, valores, modos de sentir e pensar o mundo etc.), especialmente com relação às periferias urbanas brasileiras, numa escrita singular. Os textos desses escritores apresentam regras de concordância verbal e do uso do plural que destoam das normas da língua portuguesa, tanto na construção das frases como nos neologismos. Isso pode ser entendido como uma estratégia de marcar posição frente a outros escritores no campo literário e também de valorizar os temas, gírias e singularidades de algumas populações que habitam as periferias. A novidade é que não são casos isolados de pobres, negros, operários ou presidiários que se lançaram no mercado editorial, mas de um coletivo de autores que protagoniza uma interessante movimentação cultural em torno das ideias de literatura marginal e periférica e que não se esgota em produtos literários, mas se estende, por exemplo, à realização de saraus regulares de poesia, especialmente em regiões periféricas.

Por isso, acho importante enfatizar que, além de abrir caminho para a diversificação do perfil sociológico dos escritores brasileiros – tendo em vista que são oriundos das classes populares, moradores de bairros da periferia, frequentadores de escolas públicas e estão envolvidos em projetos culturais ou sociais –, esses autores contribuem para a pluralização do discurso literário que vem sendo produzido.

Com o crescimento dessa produção literária, tem-se a possibilidade de se rever os parâmetros críticos que determinam o que é boa ou má literatura, pois os escritores da periferia oferecem contribuições estéticas que não se encaixam nos cânones estabelecidos. Nesse sentido, é imprescindível que essa produção seja reconhecida como “literatura”, e digo isso porque acredito que o pior tratamento que os escritores periféricos poderiam receber é nem ter seus textos vistos como tal.

Em sua tese de doutorado você também se ocupa da produção cultural na periferia. O que tem enfatizado nesse desdobramento da pesquisa?

Em minha pesquisa de doutorado estou dando continuidade a algumas discussões presentes no livro *Vozes marginais na literatura*, mas tenho a pretensão de ampliar as reflexões para outras linguagens artísticas, como a música, o cinema e o teatro na periferia. O objetivo principal do trabalho é discutir as representações sobre periferia, tanto no que se refere ao espaço social quanto à sua cultura peculiar, construídas por projetos de ação cultural protagonizados por artistas da periferia paulistana. E o lócus privilegiado da observação é o sarau da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia): evento dedicado à poesia e, eventualmente, à música, ao teatro e

ao cinema que reúne semanalmente profissionais ligados ou não a atividades artísticas em um boteco na periferia de São Paulo. Além do mapeamento dos artistas e grupos que desenvolvem ações conjuntas com a Cooperifa, a pesquisa tem por objetivo analisar suas estratégias de produção, circulação e consumo cultural.

